

**GENTE ACENANDO PARA ALGUÉM QUE FOGUE**

Título:  
*Gente Acenando para Alguém que Foge*

© Paulo Faria, 2020

Autor:  
Paulo Faria

Posfácio: © Djaimilia Pereira de Almeida, 2020

Revisão:  
Cátia Loureiro

Capa: FBA  
Na capa: Moçambique, Nampula, Autoestrada 236 no interior  
Imagem de capa © John Seaton Callahan / Getty Images

***Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação***

FARIA, Paulo,

Gente acenando para alguém que foge  
ISBN 978-989-8866-84-4

CDU 821.134.3-31"20"

Depósito Legal: ?????

Paginação: Aresta Criativa – Artes Gráficas

Impressão e acabamento:  
?????????  
para  
Minotauro  
Fevereiro de 2020

Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa por

MINOTAURO, uma chancela de Edições Almedina, S.A.  
LEAP CENTER – Espaço Amoreiras – Rua D. João V, n.º 24, 1.03  
1250-091 Lisboa – Portugal  
e-mail: editoras@grupoalmedina.net

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,  
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,  
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.  
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível  
de procedimento judicial.

# **GENTE ACENANDO PARA ALGUÉM QUE FOGE**

## **PAULO FARIA**

Posfácio de Djaimilia Pereira de Almeida



**MINOTAURO**



*Para a Alexandra,  
porque sem ela o mundo acabava*



*o fumo delicado das queimadas  
subindo no céu de bruma, e essas manchas  
indecifráveis a quatro mil pés,  
gente acenando para alguém que foge.*

Fernando Assis Pacheco





## PRÓLOGO

A infância extingue-se no dia em que percebemos que os nossos pais nos sonegaram a parcela mais preciosa do seu afecto. Há um santo dos santos ao qual nunca poderemos aceder. Em contrapartida, temos livre acesso às caves e terrenos baldios onde saltimbancos obscenos se exibem, frenéticos. Sem o sabermos, acumulamos visões que nos irão perseguir para sempre. Houve um momento em que daríamos tudo por uma palavra, um gesto que nos resgatasse, nos pusesse no centro de uma periferia qualquer. A palavra nunca soa, o gesto não é esboçado, os pais estavam ocupados com uma refrega íntima, confusa, esgotante. Mais tarde, quando medra neles uma ternura frágil e comovente, recusamo-la com firmeza, como um mutilado de guerra a quem oferecessem uma esmola. Percorremos caminhos e veredas esconsas, as traseiras da vida, e observamo-los de longe, tentando compreender. De noite, o sono não vem. Repe- timos abstenções e votos nulos, recusamos todas as causas, mesmo as perdidas. Os nossos colonizadores fugiram, apavorados com a sua obra, antes que fosse preciso combatê-los. Mesmo assim, não desmobilizamos as nossas tropas. Ateamos contrafogos e sufocamos com o fumo. A luta continua.